

Jovens do DF têm renda maior

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Enquanto o ganho médio é de R\$ 1,5 mil na capital, no Maranhão é de menos de R\$ 600 na faixa etária entre 16 e 24 anos. A renda média dos jovens do Distrito Federal é a maior do país e equivale a quase três vezes a dos brasileiros entre 16 e 24 anos do Maranhão, onde o ganho é o menor. Enquanto no DF atinge R\$ 1,5 mil, no estado nordestino, é de R\$ 587, segundo pesquisa do Instituto Locomotiva, especializado em consumo e opinião pública. De acordo com o estudo, os jovens nessa faixa etária movimentam anualmente R\$ 295,5 bilhões. Santa Catarina aparece em segundo lugar no ranking, com renda média de R\$ 1.378; seguida por São Paulo, com R\$ 1.371. O Rio de Janeiro ficou em sexto, com R\$ 1.247. “Em Brasília, dois fatores contribuem para o resultado: a grande massa que opta por concursos públicos, em busca de salários superiores aos da iniciativa privada e, em consequência, o maior nível de escolaridade em relação aos estados, já que os candidatos precisam se preparar para enfrentar a concorrência”, explicou o presidente do instituto, Renato Meirelles. Ele ressaltou que, embora o desemprego tenha aumentado no país, “na prática, está entrando mais dinheiro nas casas desses jovens”. Essa aparente contradição tem uma explicação: a técnica usada para medir a desocupação é quantificar os que procuram emprego. “Aumentou realmente a procura e mais jovens passaram a trabalhar. O lado bom da crise é que a dificuldade acabou aumentando a renda nessa faixa etária.” Na maioria dos casos, os jovens (71%) são mais escolarizados que os pais, os influenciam no consumo e na compra de tecnologia. Os com baixa escolaridade se encaixam no setor de serviços e os mais preparados, nas multinacionais. “A diferença de renda nem sempre é grande nesse momento da vida. Um vendedor de nível médio, por exemplo, pode ganhar até mais que um recém-formado em universidade. O problema é o futuro”, reforçou Meirelles. Do ponto de vista da renda, assinalou o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (FGV-RJ), “o jovem não é particularmente pobre”. “O problema é que, quando se olha para o futuro, o quadro é nebuloso. São muitas incertezas. Os jovens estão caindo em um abismo e é difícil prever o que vai acontecer. Mesmo com a melhora nas expectativas dos empresários, o setor de serviços é o que mais demora a reagir”, destacou. Ele lembrou que a renda nessa faixa etária despencou no primeiro trimestre deste ano em comparação ao mesmo período de 2015. Entre os jovens de 15 a 19 anos, a queda foi de 19,6%. Entre os de 20 a 24 anos, de 11,6%, destacou Neri. Educação Nem sempre o aumento do nível de escolaridade é um indicativo de elevação da renda e da inserção no mercado de trabalho. Mas a ausência de educação formal cada vez mais sofisticada, no atual ambiente global de alta competitividade, certamente deixará o trabalhador para trás. “O abandono da escola pela geração de hoje terá efeitos nas futuras. Estudos apontam ainda um aumento nos índices de violência no médio prazo dos que não conseguiram se recolocar ou bancar os estudos. Ou seja, o desemprego do jovem prejudica o presente e o futuro”, apontou o economista Marcelo Neri, da FGV-RJ. Crise econômica Pela natural falta de experiência, a escolha pelo serviço público é natural para os jovens. Além da estabilidade, o traquejo não é pré-requisito. A crise econômica interfere negativamente em todos os outros ramos de atividade. “Uma renda média de R\$ 1 mil ou de R\$ 1,5 mil, para quem tem formação superior, se considerarmos o piso salarial de R\$ 880, é baixa. No entanto, é como se comporta, hoje, o mercado de trabalho”, analisou Luiz Patrício Cintra do Prado Filho, pesquisador da FIA. Qualquer melhora, prevê, só a partir de 2017.